

AFRICANOFILIA

Giuliana Costa

*“Registros de viagem, estou seguro, são interessantes na proporção em que o viajante vai, não como observador universal, mas com uma busca definida para seu próprio universo”.*¹

Richard F. Burton

Objetivo. O presente texto apresenta vivências pessoais na África, segundo o paradigma consciencial. Exemplificam-se fatos e parafatos ocorridos neste continente, objetivando despertar o interesse, a curiosidade pesquisística, a quebra de mitos sobre a África, proporcionando o aumento da cosmovisão, o universalismo e o sentimento de fraternidade com o povo africano.

Definição. A *africanofilia* é a capacidade, propriedade, qualidade, vontade ou condição pessoal intraconsciencial de desenvolver o interesse pesquisístico pelo povo, cultura, História do continente africano, com o objetivo interassistencial da tarefa do esclarecimento (tares), segundo o paradigma conscienciológico.

Etimologia. A origem do termo *áfrica* é incerta, talvez do idioma Fenício, *afri*, “nome de tribo berbere; habitantes do território de Cartago”, ou do idioma Latim, *Africa*, de *afri*, “afros; nome de povo praticamente desconhecido”. Apareceu no Século II, a.e.c. O elemento de composição *filia* deriva do idioma Grego, *philos*, amigo; querido; queredor; agradável; que agrada”. Surgiu no Século XVIII.

Profissão. A motivação para ir à África esteve sempre relacionado à profissão de geóloga. Ao longo de carreira profissional de 13 anos, este tem sido o continente com maior presença, praticamente contínua nos últimos 4 anos, embora no início caracteriza-se somente por idas e vindas esporádicas à África do Sul. No entanto, tal carreira não foi “planejada” intencionalmente por esta autora. Os fatos (proéxis inimaginada) orientaram-me a seguir este caminho.

Autovivências. A seguir, apresentam-se resumos, apanhados de fatos vividos na África, dispostos em 2 períodos: pré e pós conhecimento da Conscienciologia:

Pré-Conscienciologia (Novembro de 2001 a Agosto de 2009). A primeira viagem ao continente africano foi para a África do Sul. Esta fase caracterizou-se por indas e vindas a este país ao longo de quase 8 anos e pelo desconhecimento da Conscienciologia. Durante o intervalo de tempo mencionado acima, ressaltam-se visitas às seguintes cidades sul-africanas: *Bloemfontein*, *Centurion*, Cidade do Cabo, *East London*, Irene, Johannesburgo, *Kimberley* e Pretória.

As viagens à Johannesburgo e *Kimberley* foram motivadas por eventos profissionais (reuniões, visitas e treinamentos). Passeios eram escassos, mas em algumas ocasiões tive a oportunidade de visitar parques nacionais e minas de diamantes.

Parapercepções. Em Fevereiro de 2005, fiquei em *Kimberley* por 4 meses. Esta cidade tem tradição em diamantes, sendo o primeiro local do planeta a ter mina de diamantes.

Kimberley. A atmosfera remonta ao Século XIX, quando fluxo maior de pessoas teve início com a descoberta de diamantes. Ao andar pela cidade, percebe-se claramente o holopense daquela época, reforçado pelos edifícios e casas com arquitetura inglesa daquele período. A cidade é chamada de fantasma por algumas pessoas. Além disso, foi utilizada para campo de concentração durante a segunda guerra anglo-bôer (1899 – 1902). O local (para evitar de repetir cidade 3 vezes) permite voltar ao passado, esteja onde estiver. A entrada no Museu do *Big Hole*, localizado onde antes fora mina de diamantes, proporciona ao visitante viagem no tempo, ao andar pela réplica da cidade à época da corrida dos diamantes.

Bloemfontein. Neste período, tive a oportunidade de visitar *Bloemfontein*, cidade vizinha à *Kimberley*. A cidade conta com infraestrutura melhor e edifícios modernos, comparados à *Kimberley*. Por ser a capital judiciária da África do Sul, o holopense está associado às leis, à justiça. No entanto, percebe-se ainda energia diferente desta, trazendo à mente a sensação de algo parado no tempo (esta energia poderia estar associada ao campo de concentração durante a segunda guerra anglo-bôer e ao monumento erguido nesta cidade para lembrar crianças e mulheres mortas durante a guerra?).

Cidade do Cabo. Em viagem de carro, partindo de *Kimberley* em direção à Cidade do Cabo, pude experimentar as variações no holopense, as energias de cada local, ao se passar por paisagens completamente diferentes: da região do *Karoo* ao Cabo, há uma variedade de rochas e plantas completamente distintas. O maior trajeto da viagem ocorreu em locais de paisagem aberta e plana com ausência de árvores e presença de pequenos arbustos. As poucas cidades ao longo do caminho mostraram-se pouco populosas e com infraestrutura limitada. Percebia-se energia mais densa, forte, nem positiva nem negativa; é difícil definir, mas soava “estranha” naquele momento.

Ao me aproximar da região do Cabo, a energia era totalmente diferente, com presença de montanhas e vegetação abundante. A energia percebida era mais acolhedora, menos densa, talvez proporcionada pela proximidade do mar ou mesmo pela maior abundância de energia consciencial. O holopense da Cidade do Cabo está associado ao lazer junto à Natureza, local propício para desassimilar energias. As paisagens do mar com montanhas e vegetação rasteira, caracterizadas por arbustos e gramíneas, formam cenários de tirar o fôlego. Seguindo da Cidade do Cabo em direção a *East London*, através da *Garden Route*, o aumento de fitoenergia é evidente, por este motivo esta estrada é chamada de Rota dos Jardins.

Johanesburgo. A capital financeira da África do Sul, Johanesburgo, sempre se apresentou hostil e perigosa. O holopense relacionado à violência e racismo era presente o tempo todo e observado nas atitudes das pessoas, por meio de tratamento seletivo pela cor da pele, ou seja, o *apartheid* ainda perdurava nos relacionamentos interpessoais, apesar de ter sido extinguido oficialmente. Residência e prédios comerciais com a presença de guardas fortemente armados, deixavam a sensação de desconforto e insegurança. Além disso, sentia algo mais por fazer, algo estava pendente, uma ligação inexplicável com a África do Sul, mas não soube avaliar esta sensação. Centurion e Irene, cidades próximas à Johanesburgo, caracterizam-se por serem opção de moradia para trabalhadores desta cidade. No entanto, estive por alguns dias nestes municípios e não recorde de nenhuma parapercepção específica. O mesmo se aplica à Pretória.

Análise. Nesta fase, alheia às técnicas conscienciológicas, não fazia anotações, muito menos trabalhava as energias. No entanto, estava sempre à procura de algo, sempre envolvida com assuntos místicos, praticando meditação, mas nada respondia às questões relacionadas às parapercepções

e parapsiquismo de forma assertiva e clara. Em agosto de 2009, última viagem deste período, pensei não voltar mais à África do Sul, mas estava enganada.

“Do fundo da minha autoconsciência, eu eliminei a ideia, de que há motivo substancial para o véu de mistério, como o de Ísis, que ainda encobre parte razoável do Oeste da África”²

Richard F. Burton

Pós-Conscienciologia (Julho de 2010 a Setembro de 2014). Em meados de março-abril de 2010, conheci a Conscienciologia por meio de pesquisa na internet sobre o tema projeção astral. Entrei em contato com o IIPC (Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia) em Belo Horizonte, MG, município onde residia à época.

Trabalho. Após este evento, recebi proposta de trabalho para trabalhar em Mali, país localizado no oeste da África, onde morei por quase 2 anos. Em seguida, morei em Moçambique e Mauritânia, onde trabalho atualmente.

Parapercepções. Apesar de não saber nada sobre Mali, segui para a cidade de Sadiola, localizada no oeste do país, região produtora de ouro. O contato ocorrido com a Conscienciologia, alguns meses antes da viagem, resultou na aquisição de livros conscienciológicos para ler e estudar enquanto estivesse em Mali.

Sadiola. Em Sadiola, na vila da mina onde morei, os domingos foram preenchidos com a leitura e estudo desses livros, além de acompanhar as tertúlias *online*. A prática diária do estado vibracional contribuiu para a sustentabilidade energética e pensênica, favorecendo ambiente para estudos e pesquisas.

Holopensene. O holopensene negativo do local é reforçado pelo uso constante de bebidas alcoólicas, associado à prostituição e fanatismo religioso. Além disso, o sacrifício de animais para rituais africanos contribuía ainda mais para o assédio e manutenção do holopensene patológico. Por algumas vezes, percebi nitidamente a presença de consciexes assediadoras e amparadoras também. Em Março de 2012, o golpe de estado em Mali foi evento decisivo para sair do país. Após 20 meses no país, passei período no Brasil e Europa, antes de ir para Tete, Moçambique.

Verbete. A viagem para o Brasil foi diferente das outras vezes, pois desta vez iria defender o primeiro verbete no *Tertularium*, no CEAEC, Foz do Iguaçu, com o título “Preconceito”.

Moçambique. Continuei estudando a Conscienciologia em Moçambique e fazendo pesquisas com o trabalho das energias. A presença maior de fitoenergia e proximidade com o alojamento onde morava, propiciou práticas energéticas junto às árvores e mata típica.

A vegetação local caracteriza-se por árvores pequenas e troncos finos. A folhagem é seca, de cor amarela com tons de marrom na época da seca, as plantas parecem fracas, mas é só aparência. Ao exteriorizar e absorver energias junto a essa vegetação percebia energia intensa, forte. A energia te envolve e ao voltar para casa, notava renovação das energias, como se o soma tivesse recebido uma dose extra de energia. O sol forte do local e o solo mais árido podem contribuir para a flora mais resistente e penso isso ser fator para essa vegetação ter mais energia. É diferente de mata tropical, onde sente-se energia mais “solta” e tem-se a sensação de frescor, desassimilação.

Tete. Região conhecida pela riqueza em carvão. Após a instalação de mineradoras na região, houve migração intensa de estrangeiros e da população local, atraídos por altos salários. No entanto, a descoberta do volume de uma das minas de reservas de carvão ter sido calculado erroneamente, fez a região perder a credibilidade e confiança, de investidores e trabalhadores. As demissões tiveram início no primeiro semestre de 2013 e o *boom* do carvão em Moçambique estava acabado. As minas de Tete continuam, mas a febre do carvão passou. As minas de carvão continuam em produção, mas sem os holofotes de antes. Ao apagar das luzes, deixei Tete.

Voluntariado. Ao sair de Tete, passei uma temporada em Johannesburgo, África do Sul, voluntariando na Intercâmbio Conscienciológico Internacional. O trabalho voluntário consistia em pesquisas de locais para futuras atividades da Conscienciologia, possíveis locais para instalação de instituição conscienciocêntrica e campus da Conscienciologia, gráficas para impressão de livros e doações de livros conscienciológicos para bibliotecas da África. Essas atividades ocorreram no período de Junho de 2013 a meados de Agosto de 2014.

Mauritânia. Em Dezembro de 2013, surgiu a oportunidade de trabalhar em outra mina de ouro, desta vez na Mauritânia. Ao chegar na capital, Nouakchott, senti-me bem, como se estivesse retornando para lugar já conhecido. Apesar da proximidade com Mali, o país é totalmente diferente, a começar pelos trajes típicos do deserto (*boubou* e turbante) e a presença de pessoas com traços físicos árabes. A mina, localizada em Tasiast, no deserto do Saara, chocou-me logo na chegada: senti estar chegando em outro planeta. Acomodações idênticas dispostas geometricamente em retângulos idênticos em área protegida por cerca, passou-me a ideia de campo de concentração. A ausência de árvores, vegetação, pássaros amiúde e o terreno plano propiciam visão diferente, deixando o céu mais próximo dos olhos. Não pude deixar de imaginar o motivo pelo qual os povos antigos do Egito e do oeste da África desenvolveram interesse por Astronomia: basta olhar para o céu e saber o motivo. A visão aberta do céu e das estrelas permite expandir os pensamentos para além deste planeta e despertam a curiosidade. Quase todas as noites, o céu mostra a bandeira da Mauritânia: a lua minguante com a estrela próxima, não na mesma posição desenhada na bandeira, mas muito parecida.

Aeroenergia. A presença da aeroenergia é muito intensa. Dentre as energias imanentes, esta é a menos estável, e penso por este motivo, influenciar os povos nômades a estar sempre em constante mudança. Em alguns momentos, pude perceber e ver, consciexes usando turbantes, com aparência típica do povo do deserto.

Análise. As diferenças das experiências na África antes e depois da Conscienciologia estão na abordagem das vivências de modo mais amplo, expandindo e ampliando, tanto as pesquisas interconsciências quanto intraconsciências. O resultado das vivências pessoais no continente africano pode ser expresso pelo aumento da curiosidade pesquisística em todas as áreas do conhecimento humano.

Resumindo alguns pontos das experiências pessoais, segundo o paradigma consciencial, foram elaboradas as tabelas ilustrativas 1, 2 e 3 sobre energias imanentes, parapercepções e breve conscienciometria de cada país visitado no continente africano.

Energias imanentes. Os 4 tipos de energia imanente: aeroenergia, fitoenergia, geoenergia e hidroenergia foram observados em todos os países africanos em que estive. No entanto, pude observar a predominância maior de determinado tipo de energia imanente em cada local. Para isso, elaborei a tabela 1, dispondo em ordem alfabética os países e cidades, seguidos da(s) respectiva(s) energia(s) dominante(s).

Tabela 1. Energias Imanentes

País	Cidades	Energia
África do Sul	Cidade do Cabo Johanesburgo Kimberley	Hidroenergia; geoenergia; aeroenergia Fitoenergia. Aeroenergia; geoenergia.
Mali	Sadiola	Aeroenergia; fitoenergia.
Mauritânia	Tasiast	Aeroenergia.
Moçambique	Tete	Fitoenergia; hidroenergia.

A falta de um tipo de energia imanente nesta tabela não significa que ela não esteja presente, mas somente que não foi percebida de forma mais intensa. Esta tabela apenas exemplifica experiências pessoais ao trabalhar as energias (estado vibracional e exteriorização de energias) nestes locais, ou mesmo, pela abundância de tipo específico de energia.

Parapsiquismo. Dentre as parapercepções mais frequentes, pôde-se observar a maior ou menor predominância de determinado fenômeno parapsíquico, como indica a tabela 2.

Tabela 2. Parapsiquismo

País	Cidades	Parapercepções
África do Sul	Johanesburgo	Clarividência; parapsiquismo impressivo.
Mali	Sadiola	Clarividência; catalepsia projetiva.
Mauritânia	Tasiast	Clarividência; parapsiquismo impressivo.
Moçambique	Tete	Clarividência; ectoplasmia.

Conscienciometria. Para ilustrar os trafores, trafares e trafais dos países africanos conhecidos, segue breve análise conscienciométrica, tendo como base o holopensene e os hábitos locais:

Tabela 3. Conscienciometria

País	Trafor	Trafar / Trafal
África do Sul	Alegria; organização; políglotismo; valorizam o contato com a Natureza.	Autovitimização; falta de verbação; racismo; xenofobia.
Mali	Alegria; políglotismo; respeito cultural.	Falta de verbação; idiotismo religioso; nacionalismo.
Mauritânia	Alegria; gentileza; políglotismo.	Falta de verbação; ginossomofobia; idiotismo religioso; intolerância cultural.
Moçambique	Alegria; hospitalidade; políglotismo.	Falta de verbação.

Africa under the skin. Fato interessante observado em algumas pessoas e relatados pelas mesmas é a falta, o gosto, a saudade, a vontade de ficar, de estar na África quando não se está aqui. Essas pessoas, incluindo esta autora, chamam isto de *Africa is under the skin*. É preciso vir para cá para saber, sentir isso na pele, e declaro se isto ocorrer: a África te pegou! Ou seja, você descobriu algo que sempre esteve em você, mas você ainda não tinha consciência. E uma vez aqui, você, muito provavelmente, vai retornar, querendo ou não. Até o momento, minhas pesquisas revelaram este fato. Acredito este fato estar relacionado à energia do continente, algo único e, também a vidas anteriores.

Crescimento. Ultimamente, tem havido inúmeras notícias sobre o crescimento populacional e o desenvolvimento econômico da África. Há muitas empresas estrangeiras, de todos os setores, investindo no continente. Apesar disso, ainda há muito para ser feito nas áreas da saúde e educação.

Mitologia. Há muitos mitos sobre a África, perpetuados ao longo de séculos por histórias, filmes e literatura. A primeira delas: África não é um país, é um continente. Fome e pobreza é, praticamente, sinônimo do continente. Sem falar inúmeras doenças possíveis de se contrair aqui. Sim, há pobreza, fome, doenças na África, mas há também riquezas naturais, culturais e povo muito inteligente. É interessante observar a ideia das pessoas sobre locais desconhecidos, onde elas não estiveram antes e criam mitos injustificáveis.

Desconhecimento. Ao conversar sobre a África, ainda observo e recebo avisos dignos de riso. Um deles é: *nossa! Você vai pegar doença com o ar de lá.* Até o momento, não vi nenhum caso parecido com este. Fato interessante: nenhuma dessas pessoas pisou na África nesta existência. Há sim epidemias de doenças, mas também há epidemia de doenças no Brasil, Europa e pode acontecer em qualquer lugar. Ao falar dos problemas sociais existentes no Brasil para africanos, eles não acreditam, pois para eles o Brasil é muito desenvolvido.

Desmitificação. Os mitos sobre a África somente serão quebrados quando as pessoas vierem para cá, ajudarem as pessoas (tares), conhecerem o povo e perceberem o quão eles se esforçam para ser melhores. No entanto, há muita limitação sináptica, derivada dos idiotismos culturais, místicos, religiosos. A falta de educação e saúde contribuem para perpetuar hábitos seculares sem sentido.

A MITIFICAÇÃO DA ÁFRICA, CARREGADA DE NEGATIVISMOS É O MAIOR ENTRAVE DA CONSCIÊNCIA INTERESSADA EM AMPLIAR A INTERASSISTENCIALIDADE (TARES) NO CONTINENTE. ATÉ QUANDO VOCÊ VAI CONTINUAR COM A MESMA ATITUDE?

Bibliografia: Burton, Richard F; *Wanderings in West Africa*; 624 p.; 6 caps.; 11 cit.; 1 ded.; 5 enu.; 1 fig.; 1 for.; 1 ilus.; 10 listas; 1 mapa; 1 tab.; 2 vols.; 24 x 16 cm; enc.; pref.; Kessinger Publishing, LLC – Legacy Reprints; EUA; 2010 (reimpressão); páginas 4 e 5.

Nota 1: Texto original: *records of travel, I am assured, are interesting in proportion as the traveller goes forth, not a universal observer, but with a definite pursuit to a small world of his own.*

Nota 2: Texto original: *from the “depths of my self-consciousness” I had eliminated an idea, that there is some solid substantial reason for the veil of mystery which, like that of Isis, still shadows the fair proportions of Western Africa.*